

ENQUANTO O SOL É DEUS, NÃO HÁ LIBERTAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE CRIAÇIONISMO E EVOLUCIONISMO

Eduardo Hiroshi Nakamatsu*

Vitor Chaves de Souza**

Olhe a simplicidade no complicado para alcançar a compreensão
–Tao Te Ching

O ser humano fala a partir de um contexto e uma realidade. Na modernidade, cientistas acrescentaram novas descobertas àquela elementar de que a Terra girava em torno do sol, enquanto os antigos pensavam ser o contrário: o sol nascia, o sol se punha – e tal movimento, a partir da realidade das sociedades arcaicas, serviu de hierofania para os cultos solares no Peru e no México. A ciência trouxe novas manifestações do saber acerca do humano e da natureza: não a simbolização, mas o conceito; não o mito, mas a descrição; não o mistério, mas a certeza. Um dos grandes embates do século XX entre ciência e religião foi o conflito dos discursos criacionistas e evolucionistas. Longe de esgotarmos o tema, propomos algumas reflexões sobre a relação entre ciência e religião a partir das ciências biológicas e das ciências da religião, sobretudo da realidade latino-americana, para propor um outro processo cognitivo sobre o pensar científico e o pensar da religiosidade. Tal proposta se dá pela correlação dos temas num plano interpretativo e compreensivo. Nosso objetivo, ao notar que a leitura atual do relato de criação da Bíblia já está enriquecida – ou comprometida – pelas releituras ao longo dos séculos de história do pensamento cristão, é sugerir um retorno às origens, i.e., a análise do texto e da memória conforme estes se manifestaram, e a reflexão científica atual, conforme esta avança, para propormos outros processos interpretativos que possam colaborar para o diálogo e a relação entre ciência e religião, em suma, para que não se anulem em incrustada luta política que marca e compromete a pesquisa e o processo social da humanidade.

Métodos primordiais

* Biomédico e doutor em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo.

** Teólogo e doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Pesquisador membro do *Fonds Ricoeur*, Paris. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Desde os primórdios, o homem tenta compreender o significado das mais diversas ações que ocorrem ao seu redor e em si próprio, mas indubitavelmente algumas das perguntas mais comuns estão diretamente ligadas às nossas origens – e estas são origens materiais (criação do planeta e dos corpos) e existenciais (o sentido do ser). Desde a origem do universo, passando pelas estrelas e planetas e chegando ao próprio ser humano, muito tem sido especulado e teorizado sobre como tudo se originou e se transformou no que conhecemos atualmente.

Percebendo que precisava de umas ferramentas que pudessem fundamentar essas questões, naturalmente o ser humano foi fundando, ao longo do tempo, ciências que pudessem prover explicações e respostas para seus questionamentos através de metodologias e racionalização. De uma forma geral, podemos dividir as ciências em dois grandes grupos, as empíricas e as não-empíricas. Embora tenham um objetivo comum (prover respostas, ajudar na compreensão destas ou simplesmente mostrar o caminho até elas), as ciências empíricas sempre viram as não-empíricas com ceticismo e incredulidade, enquanto as ciências não-empíricas abominam a frieza metódica e lógica estruturada das ciências empíricas. Embora a discussão esteja longe de acabar, as ciências empíricas sempre bradaram possuir um triunfo: comprovação experimental.

Diversos pesquisadores postularam que a origem de compostos orgânicos que formariam a base da vida foram formados quando a terra tinha uma atmosfera de metano, amônia, água e hidrogênio.¹ Foi então, em 1953, que Stanley Lloyd Miller, um químico formado pela Universidade da Califórnia, sob a supervisão de Harold Clayton Urey, demonstrou através de um experimento que simulava as condições da atmosfera terrestre primitiva (um sistema circulatório contendo uma mistura de metano (CH₄), amônia (NH₃), água e hidrogênio (H₂) que passavam por uma descarga elétrica) a formação de diversos compostos orgânicos (aminoácidos e componentes de importância bioquímica).² Posteriormente outros experimentos com fontes gasosas e/ou fontes de energia diferentes resultaram na síntese de vários outros aminoácidos.

Esses experimentos reforçaram uma linha de pensamento que se consolidou nos anos seguintes e que prega a importância de se compreender primeiramente as bases fundamentais para se entender os sistemas mais complexos.

Embora Charles Darwin tenha postulado, em 1859, o conceito da “Sobrevivência do mais apto”³, ou, mais tecnicamente, o “princípio de exclusão competitiva”, onde observamos um determinado nicho, encontraremos uma espécie que melhor se adaptará às condições deste nicho (chamada de “apta”) e irá, em um determinado momento, dominar e excluir todas as outras, ele prediz que ambientes complexos são necessários para manter populações diversas e complexas.

¹ Para este referido estudo, conferir: Oparin, 1938; Bernal, 1949; Urey, 1952.

² Cf. MILLER, Stanley L. A Production of Amino Acids Under Possible Primitive Earth Conditions. In: Science, Vol. 117, University of Chicago, 1953, p. 528.

³ Cf. DARWIN, Charles. *The Origin Of Species*. Signet Classics; Rep Anv edition, 2003, 576pp.

Pesquisadores das Universidades de Exter e Bath, do Reino Unido, em colaboração com a Universidade do Estado de San Diego, nos EUA, tem testado esse princípio, colocando bactérias em ambientes simples e observando o que ocorre após diversas gerações de evolução bacteriana. O Dr. Robert Beardmore, da Universidade de Exter no Reino Unido, comenta que era esperado que apenas o genoma das bactérias mais aptas sobreviveria, mas o que se observou após várias gerações foi uma grande gama de variedade genética.⁴ É interessante observar que por mais que o meio propicie a seleção do mais apto ao decorrer do tempo, existe uma “zona de transição” onde se pode observar a presença de uma variedade de genomas. Apesar de se pensar no coletivo, percebe-se que as características individuais são também parte importante na sobrevivência evolutiva das bactérias.

Um fato aceito pela maioria da comunidade científica atual coloca o processo de surgimento da vida em três principais estágios: (1) a *evolução química*, onde moléculas simples de origem geológica reagiram para formar polímeros orgânicos mais complexos – quais moléculas e quais processos ocorreram ainda são motivo de discussão, mas o conceito da “Sopa primordial” é o mais aceito atualmente; (2) a *auto organização* de coleções destes polímeros para formar entidades replicativas – neste ponto a transformação de um conjunto de moléculas sem vida em um sistema vivo ocorreu; e por fim (3), a *evolução biológica* para a formação da intrincada rede biológica que conhecemos.

Recentemente, um estudo publicado por Michael Callahan, químico e pesquisador da Agência Aeroespacial Nacional dos EUA (NASA), revelou a presença de dois nucleotídeos (adenina e guanina), elementos que formam o DNA, em meteoritos.⁵ Isso por si só não é novidade, pois desde a década de 60 diversos estudos têm demonstrado a presença de nucleotídeos em meteoritos, porém todos estes estudos foram questionados quanto à certeza se estes nucleotídeos teriam vindo do espaço ou seriam contaminantes provenientes de manipulação. Este último estudo mostra que os meteoritos possuíam, além do material biológico, material não-biológico que não é encontrado no planeta. Outra evidência de que não existiu contaminação é a inexistência destes compostos no solo e gelo das regiões onde estes meteoritos foram coletados. É fato que o espaço possui elementos que estariam ligados à formação de vida e diversas teorias afirmam que a origem da Terra não teria sido possível, sem a presença de elementos provenientes de chuvas de meteoritos bilhões de anos atrás. Cabe ressaltar que a pesquisa não visa discutir sobre panspermia (a ideia de que formas de vida como bactérias e vírus teriam vindo de outros planetas através de meteoritos e assim foram introduzidas na Terra), mas sim mostrar que a matéria-prima para formação da vida é abundante no universo.

⁴ Cf. BEARDMORE, Robert E., GUEDELJ, Ivana, LIPSON, David A. & HURST, Laurence D. "Metabolic trade-offs and the maintenance of the fittest and the flattest" In: *Nature*, 472, 342–346 (21 April 2011)

⁵ Disponível em: <http://www.nasa.gov/topics/solarsystem/features/dna-meteorites.html> Acessado em: 15 de Agosto de 2011.

É curioso notar que, por mais simples que esta sequência possa parecer, diversos fatores fariam para que qualquer um desses passos não ocorresse, mas ainda assim, eles ocorreram e ainda ocorrem. Podemos observar que embora a ciência busque entender cada componente que possa ter contribuído para a origem da vida, ainda assim podemos perceber que não é um ou outro fator, mas um conjunto de fatores, alguns conhecidos e outros ainda por se conhecer, que levaram à formação do que somos hoje. E parte desta formação tem sua origem não apenas naquilo que as ciências empíricas explicam, mas nos relatos mais antigos de significação humana.

Mitos que evoluem

Se o sol é o ideal da força e da luz, o mundo das ideias de Platão, símbolo do alvo científico de busca pelo que está além, na razão e na lógica, e da moradia dos deuses antigos, a terra é o solo onde o sujeito caminha e luta pela justiça e conhece o mundo-da-vida – aquele das intuições originais e das realidades imediatamente dadas. A prece surge como a exteriorização verbalizada, tanto do cientista como do religioso, cada um em sua identidade narrativa – o primeiro, conforme os modelos adotados para a academia; o segundo, com as angústias e sofrimentos encarados nos conflitos enfrentados para a sobrevivência –, mas ambos transmitindo um *mundo*.

No princípio criou Deus os céus e a terra, diz a primeira frase da Bíblia.⁶ E *no princípio era a palavra*, diz o prólogo do Evangelho de João 1:1. No princípio estava a própria palavra, *λογος*, *logos*, tradição grega (e o *verbum*, tradição latina), que faz referência a “contar” ou “recontar”, “falar” ou “dizer”.⁷ A criação é um processo de narração que cria, “*palavra criadora*”⁸. A intermediação cultural e religiosa imbricada na leitura do texto nos faz perder esta sensibilidade. Um cientista, como Marcelo Gleiser, ao ler os relatos bíblicos de criação, hoje, volta seus esforços reflexivos para o problema de Deus como a *primeira causa*.⁹ Tal inferência herda a tradição do pensamento cristão e a consciência cartesiana. Inicialmente, a criação relatada no Gênesis recebeu o sentido de “criação a partir do nada”, *creatio ex nihilo*, com Santo Agostinho.¹⁰ Gênesis não tem relação com esta preocupação, nem a afirmando, nem a negando. É uma ideia posterior à redação de Gênesis e fruto do escolasticismo em defesa de uma teoria de criação a qual os cientistas se apropriaram para refutá-la. O criacionismo se apoia nesta pressuposição, antes de realizar um trabalho exegético detalhado. Assim, o *creatio ex nihilo* é uma leitura teológica posterior do Deus que

⁶ Para a teologia, o tema da criação está presente em toda a Bíblia (e.g., Gn 1; Is 40:26; Jr 10:12-16; Sl 33:6,9; Jo 1:1; Rm 1:20,25; entre outros) e não se limita, apenas, ao livro de Gênesis. No entanto, interessa às ciências empíricas o embate com os relatos de criação narrados no início de Gênesis.

⁷ FREEDMAN, David Noul. *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 4, p. 348.

⁸ Santo Agostinho, *Confissões*, p. 314.

⁹ GLEISER, Marcelo. *Criação imperfeita*, p. 22.

¹⁰ Cf. SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, p. 315.

cria. Esta leitura terá seus primeiros indícios no judaísmo pós-bíblico de 2 Macabeus 7:28, do século I a.C., por conta da influência do zoroastrismo no judaísmo.¹¹

No entanto, o texto de Gênesis ainda diz que Deus *criou* a terra. Se recorrermos ao texto hebraico original, conferiremos que o verbo hebraico para “criar” é o בָּרָא, *bara*. Esse verbo é o termo bíblico especial para designar a criação divina¹² – diferente do verbo אָשָׂא, *asah*, que significa “fazer” e “realizar” de atributos gerais e por qualquer agente.¹³ Conforme a etimologia, *bara* significa “ordenar”, “organizar”. A criação da narrativa de Gênesis se dá pela separação dos elementos que ganham forma e sentido. Se a criação é antagônica à evolução, ou o seu correspondente, não interferirá na existência já dada. Pois, a Bíblia não carrega relatos científicos de criação ou evolução, já que naquela época não havia a preocupação empirista, que é do nosso tempo; ela carrega outras preocupações, como a configuração de um mundo de sentidos transmitidos em símbolos. No entanto, podemos refletir a criação como ordem.

Hoje, a teoria do criacionismo é, frequentemente, acompanhada de fundamentalismo. A leitura do texto bíblico, em contraponto à análise fundamentalista, deve ser contextualizada e interpretada para os dias atuais. O ser humano não precisa de mais mitos e mais deuses. Perguntamos: qual a sua situação existencial representada na criação de Gênesis? A terra, a vida, o trabalho. As diversas ciências, como a antropologia, a arqueologia, a linguística e a história, auxiliam e interferem diretamente, a pesquisa dos documentos religiosos. A religião, por sua vez, retribui ao meio científico oferecendo outras compreensões sobre a humanidade. Ler os relatos bíblicos desconsiderando seu contexto histórico e social pode trair a integridade que o texto carrega. Aproximando-nos da realidade histórica da composição do texto de Gênesis, os primeiros versículos de Gênesis buscam responder à repressão babilônica que o povo hebreu sofreu. “Ao recitar Gênesis 1 torna-se, pois, imprescindível incorporar, como pano de fundo, os gemidos e as dores de gente escravizada e sugada ao máximo para a glória do império. A interpretação precisa situar esta poesia nesse conflito!”¹⁴, diz Milton Schwantes. A datação é precisa pelos exegetas: Gênesis 1-11 foi composto por volta do século VI a.C. Naquela época, o povo estava no exílio na Babilônia. De forma poética e litúrgica, o texto tem como oposição a religião dominante do império babilônico. Os astros eram os símbolos maiores das divindades babilônicas. Todo Império era representado pelo sol. No entanto, Javé é Deus maior que as divindades babilônicas dos astros. Para anunciar a fé em Javé e lutar pela justiça, devem-se desautorizar os astros como divindades para desmontar o maquinário militar e imperial. Desta forma, ao invés de

¹¹ No antigo Egito, o criador é chamado de “aquele que gerou a si próprio”; na Polinésia, como também na Índia, “órfão”. FREEDMAN, David Noul. *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 1, p. 1166.

¹² FREEDMAN, David Noul. *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 1, p. 1165.

¹³ Para a nossa reflexão, de cunho hermenêutico e compreensivo, seguimos o caminho atual de Walter Brueggemann e Milton Schwantes, os quais optam por abdicar a teoria das fontes e atêm-se ao livro todo e às particularidades das narrativas, ao invés dos estilos.

¹⁴ SCHWANTES, Milton. *Projetos de Esperança*, p. 35

ser inferior, narra Gênesis que Javé é Deus que criou o céu, o sol, a lua, as luzes e todos os astros. O texto faz responsabilidade social quando se opõe à opressão do regime operante: o sábado é fator diferenciador, pois além de ser o dia de encontro com o “criador” e do encontro do povo para celebração, é o protesto para se sobreviver contra condições adversas conquistando direitos elementares para a sobrevivência. O relato de criação de Gênesis 1, mais do que uma cosmogonia (conjunto de teorias que propõe uma explicação para o aparecimento e formação do sistema solar), é um relato de libertação do povo de Deus; é uma liturgia poética com a voz dos massacrados e espoliados pelo imperialismo babilônico; é ação de fé contra a idolatria e ação esperançosa a favor do direito do humano.

A criação simbólica cria sentidos

A criação em Gênesis não precisa ter um caráter dogmático de criacionismo, mesmo porque habita profundos mistérios. Se pela exegese e a história podemos aproximar leituras concretas da realidade onde a formação do texto se deu, pela reflexão e compreensão podemos apontar novos caminhos que interessam mais à Bíblia do que o criacionismo e a intolerância. Diz, em Gênesis 2, que a criação do ser humano se deu pela imagem (*selem*) de Deus. Antes de termos um relato descritivo e analítico dos processos de composição do planeta Terra e do Universo, temos, para os mais antigos e místicos judaicos, como a teoria simbólica do teólogo e rabino Abraham Joshua Heschel, a condição *simbólica* desta criação, que são os registros de narrativas, hieroglíficos, símbolos e objetivações de sentimentos e significados que se materializam nas expressões poéticas da Torah. O símbolo está na origem do ser humano e possui uma implicação na existência e na vida. Para o filósofo Merleau-Ponty, o ser humano é um *símbolo natural*. A expressão do relacionamento do corpo humano com seu entrelaçamento e entroncamento com a natureza é simbólica e, numa expressão de Heidegger, abre o ser-no-mundo. Desta forma, a ciência empirista, depois de Descartes, cortou o que chamaríamos de cordão umbilical da relação do humano com o mundo, relação que se dá simbolicamente. Enquanto o filósofo romeno Mircea Eliade sugere o retorno à religião, Merleau-Ponty pensa numa fenomenologia da natureza para voltar aos valores originais da humanidade. Aqui estamos na criação de Gênesis, por conta da criação e do corpo: o ser humano criado, ou evoluído, é o lugar geral da simbólica do mundo. No quiasmo corpo-mundo, o ser humano é símbolo, corpo que simboliza e abre horizontes para as significações possíveis (como a linguagem, a arte, a religião).

Se desejarmos compreender o simbolismo da criação – que é um símbolo artificial, i.e., signo arbitrário que a consciência cria na linguagem e no mito – devemos retornar ao “simbolismo natural”, em última instância, a representação da consciência como um todo que está necessariamente contida, ou pelo menos

projetada, em cada momento e fragmento da consciência.¹⁵ O símbolo natural é o símbolo original – um pouco do ser indiviso de Merleau-Ponty (ser humano e natureza juntos na origem). O ser humano, na sua condição *homo symbolicus*, é um formador de símbolo em potencial: “tudo que o ser humano produz é simbólico”¹⁶. O filósofo Ernst Cassirer dá outro passo: “deveríamos definir o homem como *animal symbolicum* e não como *animal rationale*”¹⁷. O primeiro grande símbolo é o ser humano ser ele próprio símbolo. Desta forma, qual seria o símbolo bíblico da criação? O rabino Abraham Joshua Heschel, em suas reflexões acerca da criação e símbolo religioso, notou que na narrativa bíblica, ao recitar as palavras de Javé, diz “façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança” (Gn 1.16), há o primeiro registro da *percepção inaugural do humano*. O ser humano percebe que sua existência é símbolo e, ao mesmo tempo, modelo. “Transformar a existência em paradigma e a personagem histórica em arquétipo.”¹⁸ Ser imagem e semelhança de Deus possui um sentido de arquétipo e de símbolo. Enquanto arquétipo, é o gesto reconciliador com a condição humana que é símbolo próprio. Enquanto símbolo, nas simbólicas das tradições religiosas antigas, o homem – Adão, do hebraico אָדָם, *adam*, que significa “humanidade” – sendo imagem e semelhança de Deus, representa que algo no humano escapa da natureza. A linguagem e a capacidade do símbolo inauguram o ser humano nos processos de interpelação e resposta dos grupos originários. O ser humano se descobriu, primeiramente, nos níveis pré-reflexivos e não-rationais, e sua descrição mais profunda está no mito e no símbolo que articula sua existência.¹⁹ É desta forma que o mundo, tal qual o conhecemos, em sua dimensão simbólica e linguística, está na origem do humano, *fons et origo*, na fonte e na origem, pois “os símbolos despertam a experiência individual e transmudam-na em ato espiritual, em compreensão metafísica do Mundo”²⁰. Os conceitos das ciências, antes de serem conceitos, foram metáforas de mitos e símbolos antigos que comunicavam *mundos*. O interesse das narrativas bíblicas está em mostrar um mundo primeiro, assimilado e vivido pelas exteriorizações humanas em símbolos, hieroglíficos e poesias. Inseridas na história, estas narrativas apresentam os mais desfavorecidos e denuncia políticas de memórias subversivas que resistiram aos domínios e opressões de sua época. Em sua poesia, os relatos de criação, antes do *explicar*, procuram pelo *sentido* da vida e da comunidade. Há mistério na criação do mundo e na criação da humanidade. Este mistério permanece na mediação dos símbolos, que não são esgotados pelo conhecimento empírico, mas completados em todas dimensões da vida, que pertence à própria essência da

¹⁵ Cf. CASSIRER, Ernst. *Philosophy of Symbolic Forms: Language*, p. 52.

¹⁶ ELIADE, Mircea. *History of Religions: Essays in Methodology*, p. 87.

¹⁷ CASSIRER, Ernst. *Ensaio Sobre o Homem: Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana*, p. 50.

¹⁸ ELIADE, Mircea. *O Mito do Eterno Retorno*, p. 25.

¹⁹ Cf. TILLICH, Paul. *Dynamics of Faith*, p. 48.

²⁰ ELIADE, Mircea, *O Sagrado e o Profano*, p. 172.

consciência.²¹ O ser humano enquanto símbolo se permite pensar e refletir sua posição nos cosmos. O ser humano se torna símbolo do divino, imagem de Deus, de tal forma que o lugar da criação não está na ordem material, mas na *sabedoria*. Por este caminho, ao invés de contradizer as pesquisas científicas acerca da criação e evolução do mundo, a Bíblia é um mito da libertação pessoal e social.²²

Enquanto o sol é Deus, não há libertação

Ciência e religião deveriam se abrir para a profundidade da existência humana em suas respectivas investigações. Uma religiosidade humilde deve abraçar a ciência e ser capaz de questionar, perguntar, simbolizar e procurar pelos sentidos últimos da vida. Uma ciência sã deve pesquisar com novos métodos os antigos relatos, para que eles digam o que ainda não foi ouvido acerca de outras realidades. A própria *razão*, além da concepção cartesiana e kantiana do termo (o qual a ciência nos exige para os processos metodológicos da pesquisa), pode significar outras coisas, como para os estóicos, a qual não é o simples “raciocinar”, mas é *logos*, i.e., a estrutura significativa da realidade como um todo e da mente humana em particular. Neste âmbito está a condição humana do símbolo, das narrativas míticas e da religiosidade, como também do raciocinar e argumentar baseado na experiência e com instrumentos da lógica e da matemática. A integralidade da dimensão toda do ser humano, sem o fundamentalismo religioso, nem a supremacia da ciência, foi perdida pela radicalidade dos processos científicos²³ e a racionalidade dos fundamentalistas. Resgatá-la é fundamental para que novos processos cognitivos.

O atraso está na intolerância. Da forma como lido pelos cientistas e pelos religiosos fundamentalistas, o criacionismo cristão é uma teoria científica que usa das brechas da ciência para refutar a própria ciência das últimas décadas. Nos Estados Unidos, no início do século XX, *The Fundamentals*, a famosa obra que inspirou os movimentos protestantes apologéticos ao fundamentalismo, registra os primórdios do conflito das políticas de memórias entre ciência e religião. O filme *Inherit the Wind*, de 1960, estrelado pelos talentosos Spencer Tracy e Fredric March, retrata uma história real de um professor acusado de ensinar a teoria da evolução numa pequena escola norte-americana em 1925. Os argumentos religiosos fundamentalistas, acerca da religião e da criação, não oferecem progressos à reflexão que condiz com a versatilidade do mundo atual. Um humanismo secular pode respeitar mais a crença e a ciência que os fundamentalistas pensam respeitar. “O verdadeiro perigo do fundamentalismo não está no fato de ameaçar o conhecimento científico secular, mas

²¹ “The force and effect of these mediating signs would remain a mystery if they were not ultimately rooted in the original spiritual process which belongs to the very essence of consciousness”. CASSIRER, Ernst. *Philosophy of Symbolic Forms: Language*, p. 52.

²² Cf. FRYE, Northrop. *O código dos códigos*, p. 66.

²³ Martin Heidegger, em uma de suas últimas conferências, disse que a ciência parou de pensar, pois afastou-se do mundo-da-vida.

no fato de ameaçar a própria crença autêntica”²⁴, pois reduzem a experiência religiosa à um conhecimento positivista. Do outro lado (o da ciência), há, infelizmente, situações análogas: o cientista Richard Dawkins, em seu livro *Deus, um delírio*²⁵, diz que se o leitor chegar ao final da leitura do livro e abandonar sua fé, o livro terá cumprido sua tarefa. Tal postura não nos parece científica; pelo contrário, comete o mesmo equívoco do fundamentalismo religioso ao querer ser o outro polo o qual ele nega. Não obstante, temos o exemplo de grupos que têm utilizado a ciência como ferramenta para justificar seus propósitos e, ao invés de discutir e tentar encontrar a compreensão das questões propostas, simplesmente distorcem os fatos, muitas vezes de forma convincente ao público, para beneficiar e atrair atenção a sua causa. Não é incomum vermos acalorados embates entre os pesquisadores do *Institute for Creation Research*²⁶ que defendem a teoria criacionista contida na Bíblia como uma descrição científica precisa e pesquisadores de outras instituições.

O problema que assombra os dias atuais, junto à intolerância, é a resistência ao diálogo. A intransigência dos religiosos com os cientistas, e dos cientistas com os religiosos, têm sua gênese no confronto dos enunciados de relatos da criação. Não é uma questão de metodologia. O que está em questão no conflito dos discursos entre criação e evolução é a *política de memória* que constitui um discurso e grupo dominante. Interessa a certas manobras que todos pensem conforme o poder instituído – seja política ou religiosamente. O grande equívoco das políticas de memória está nos excessos do poder e das metodologias, afastando o ser humano do conhecimento e dos significados genuínos que lhe pertence. No entanto, tudo pode ser desconfigurado quando um lado acolhe hipóteses e resultados que fornecem novas interpretações para a condição humana. Conforme notamos anteriormente, a descoberta recente da NASA (sobre os componentes essenciais do DNA humano terem sido formados no espaço), colocando em questão se a origem da espécie humana foi realmente autóctone ou extraterrestre, abre novos os caminhos para a pesquisa sobre a evolução e permitirá o aprofundamento de reflexões teológicas acerca do sentido da humanidade – se ambas não estiverem fundamentadas em fundamentalismos.²⁷

A ciência não supre a religião na vida, nem a religião substitui a ciência na investigação da vida – lembramo-nos da intencionalidade de Pierre Teilhard de Chardin, que diz ter fé em Deus e no mundo, igualmente²⁸. Enquanto a ciência desejar prescrever a consciência atual, poderemos cair nos abusos do poder e das políticas de memória; enquanto a religião manter suas divindades nos astros, haverá, de semelhante modo, excessos de discursos que aprisionarão o ser. Um novo avanço acontecerá quando interirmos com atitude compreensiva da realidade. As ciências e

²⁴ ŽIŽEK, Slavoj. *Em defesa das causas perdidas*, p. 51.

²⁵ Cf. DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

²⁶ <http://www.icr.org/>

²⁷ Estas novidades nos remete à intuições como as de Erich von Däniken, em *Eram os Deuses Astronautas?*

²⁸ CHARDIN, Pierre Teilhard. *Em outras palavras*, p. 236.

as religiões colaborarão com a vida quando incentivarem o diálogo e a reflexão. Desta forma, teremos caminhos abertos para novas e novos horizontes, os quais a humanidade, tão só, espera arduamente por tais possibilidades e direções – como a sabedoria semita e o *firmamento (ragia)* do mundo; onde Paul Tillich dá um passo e diz que Deus é o *fundamento* deste firmamento (*ground of being*). Mesmo com categorias escolásticas, como as agostinianas de que Deus é infinitamente bom, não nos importaria se fomos criados do nada (como uma dedicada obra de arte divina) ou evoluídos a partir de uma matéria; importa-nos, antes, a consciência de que temos de nós mesmos e a capacidade de compreendermos a situação existencial de nosso tempo, implicando-nos ao diálogo com o diferente e a tolerância. A diferença nas relações, desde as proposições científicas como a alteridade, quando assumidas com cuidado, responsabilidade e respeito, denotam um agir humano que corresponde às versatilidades do mundo atual. Não interessa à religião (ou não deveria interessar) ler a Bíblia como um livro de regras físicas, muito menos utilizar a ciência para torná-la numa nova religião. Nem interessa à ciência se tornar num corpo de doutrinas e crenças que oriente as pessoas em suas escolhas. Como se deu a criação ou evolução do mundo, ainda não sabemos – os cientistas estão, constantemente, sugerindo novas teorias. Mas podemos saber que existem diversos relatos que expressam a condição humana, seja na religião milenar, seja na mais recente pesquisa acadêmica. Falta diálogo e tolerância para que políticas de memórias subversivas rompam com o poderio dos discursos totalitários, e que possam permitir novas impressões, criações e evoluções na vida. Utilizando as palavras de Francis Crick, um dos descobridores da estrutura do DNA em uma entrevista: “Nós descobrimos o segredo da vida.” “[..] Aquilo era simples, instantaneamente você poderia explicar essa ideia para qualquer um [..]”.²⁹

Referências bibliográficas

- AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.
- ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras*. 7ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- ARMSTRONG, Karen. *A Short History of Myth*. London: Canongate U.S., 2006.
- ATKINS, Peter; PAULA, Julio De. *Atkin's Physical Chemistry*. Oxford, 2006.
- BEARDMORE, Robert E., GUDELJ, Ivana, LIPSON, David A. & HURST, Laurence D. "Metabolic trade-offs and the maintenance of the fittest and the flattest" In: *Nature*, 472, 342–346 (21 April 2011)
- Biblia Iuxta Vulgatam Versionem. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1983.

²⁹ In: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/science/nature/2804545.stm>

- BRUEGGEMANN, Walter. *Theology Of The Old Testament: Testimony, Dispute, Advocacy*. Minneapolis: Fortress Press, 2005.
- CAMPBELL, Mary K. *Bioquímica Básica*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.
- CASSIRER, Ernst. *Ensaio Sobre o Homem: Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana*. São Paulo: Editora Martins Fontes, s/d.
- _____. *Philosophy of Symbolic Forms: Language*. New Haven: Yale University, 1953.
- CHARDIN, Pierre Theillard. *Em outras palavras*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- DARWIN, Charles. *The Origin Of Species*. Signet Classics; Rep Anv edition, 2003, 576pp.
- DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. Lisboa: Edições 70, 1969.
- _____. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____., KITAGAWA, Joseph. M. (Org.). *The History of Religions: Essays on Methodology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1959.
- FREEDMAN, David Noul. *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleway, 1922. vol. 1.
- FRYE, Northrop. *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- GLEISER, Marcelo. *A dança do universo: dos mitos de criação ao big-bang*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. *Criação imperfeita*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2010.
- HESCHEL, Abraham Joshua. *Man Is Not Alone: A Philosophy of Religion*. Farrar, Straus and Giroux, 1976.
- LAZCANO, Antonio; MORANGE, Michel; TIRARD, Stephane. “The Definition of Life: A Brief History of an Elusive Scientific Endeavor”. In: *Astrobiology*, Volume 10, Number 10, 2010, Mary Ann Liebert, Inc., DOI: 10.1089/ast.2010.0535.
- LAZCANO, Antonio. What Is Life? A Brief Historical Overview. In: *Chemistry & Biodiversity*, Vol. 5, 2008, Facultad de Ciencias, UNAM, México.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MILLER, Stanley L. A Production of Amino Acids Under Possible Primitive Earth Conditions. In: *Science*, Vol. 117, University of Chicago. pp. 528-529.
- Novum Testamentum Graece*. Nestle-Aland. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2001
- PARKERA, Eric T.; CLEAVESB, Henderson J.; DWORKINC, Jason P.; GLAVINC, Daniel P.; CALLAHANC, Michael; AUBREYD, Andrew; LAZCANOE, Antonio; BADAA, Jeffrey L. “Primordial synthesis of amines and amino acids in a 1958 Miller H₂S-rich spark discharge experiment”. In: *PNAS*, April 5, 2011, vol. 108, no. 14, pp. 5526-5531.
- RICOEUR, Paul. *A hermenêutica bíblica*. Rio de Janeiro: Loyola, 2006.

- _____. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007, 535p.
- _____. *A metáfora viva*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- _____. *Ensaio sobre a interpretação bíblica*. São Paulo: Novo Século, 2004, 184p.
- _____. The Bible as a Document of the University. In: *The Bible and the Imagination*, Chico, California: Scholars Press, 1981, pp. 49-75. Disponível em: <http://www.fondsriceur.fr/photo/Ricoeur%20-%20The%20Bible%20and%20the%20Imagination.pdf> Acessado em: 10 de Outubro de 2010.
- SCHIMIDT, Werner H., *A fé do Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- SCHWANTES, Milton. *Projetos de esperança*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- STROTHER, Paul K.; BATTISON, Leila; BRASIER, Martin D.; WELLMAN, Charles H. “Earth’s earliest non-marine eukaryotes”. In: *Letter*. Macmillan Publishers Limited, 26 May 2011, Vol. 743, pp. 505-509.
- TILLICH, Paul. *Dynamics of Faith*. New York: Harper, 2001.
- VOET, Donald; VOET Judith G. *Biochemistry*. New Jersey: Wiley, 2004.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Em defesa das causas perdidas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.